



VI ANNO

PORTO, 15 DE MARÇO DE 1883

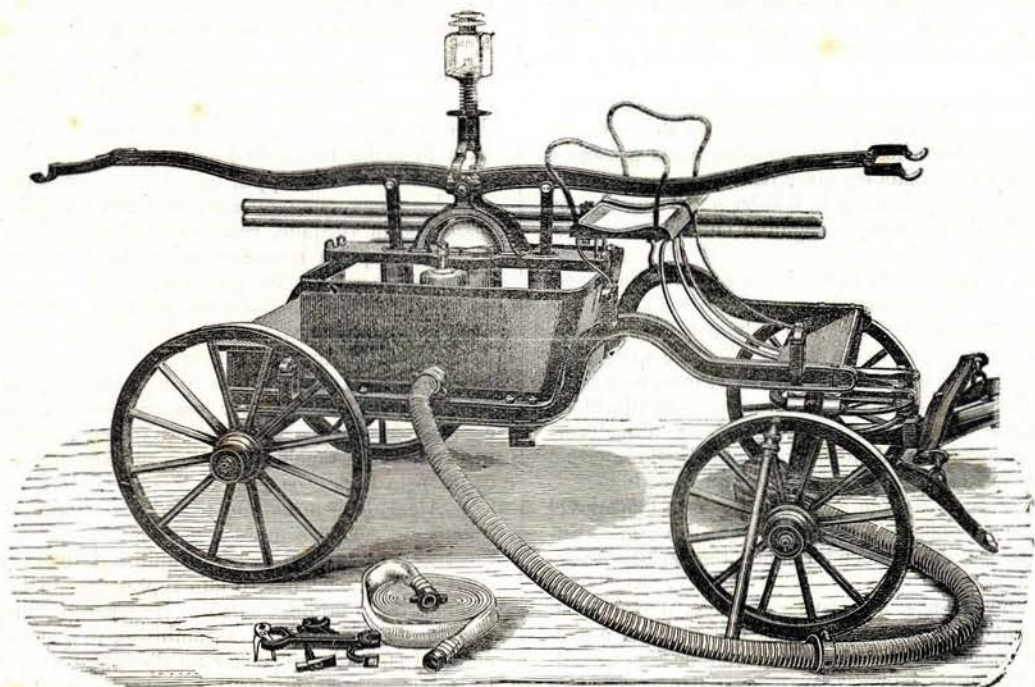
NUM. 24

BOMBA RURAL

Illustramos o nosso quinzenario com mais uma bomba da casa G. A Jauck, a qual como todas as outras de que já teem conhecimento os nossos leitores,

A caldeira é fixa e montada sobre um caixilho de ferro que fórma o corpo de viatura, havendo apenas a retirar a lança e parelha, e a collocar os varacs da picota nos braços, para a machina ser posta em acção.

Pela gravura se vê que, tanto póde ser alimen-



res, se recommenda pela perfeição com que é construída.

E' especialmente destinada para localidades onde a área que tiver de proteger fôr muito extensa, especialmente nas aldeias, porque além de ser leve, pelo pequeno espaço que occupa, póde ser facilmente transportada por caminhos ingremes e estreitos.

tada com agua lançada na caldeira, como por absorpção por meio de tubos aspiradores.

Pelo lado de traz da caldeira existe uma pequena caixa para transporte de ferramenta miuda e na frente tem uma bancada com assento para dous bombeiros.

O diametro dos cylindros é de 100 millimetros; a distancia a que alcança o jacto, é de 27 a 28 me-

tros e o consumo da agua por minuto, de 190 litros.

A reputação que tem sabido adquirir o fabricante d'estas bombas é universal e dispensa perfeitamente todos os elogios que lhe possamos fazer, porque mesmo já entre nós é sobeja e praticamente reconhecida.

É TRISTE

E' na verdade triste e lastimavel que, corporações criadas expressamente para protegerem e salvarem a vida e a propriedade, escolham o local onde se manifesta o sinistro para satisfazerem odios mal cabidos, quando o seu unico fim deveria ser a mutua alliança para combaterem o mal.

Julgavamos e com fundamento, que os lamentaveis acontecimentos que ha annos presenciámos em Villa Nova de Gaya entre as corporações de bombeiros, se não repetiriam, mas acabamos de ter um desmentido, por occasião do incendio que ha dias se manifestou á Ribeira, na rua da Lada.

Eis o caso: A bomba de Villa Nova de Gaya foi a primeira a comparecer e a estender as mangueiras; e chegando depois a bomba n.º 4 d'esta cidade, ou porque não visse ou por ignorancia, tentaram os conductores passar com a bomba por cima das mangueiras já extendidas, ao que se oppozeram os de Villa Nova, em termos bastante grosseiros, o que deu logar a iguaes *amabilidades* da parte dos outros, passando em seguida a vias de facto, até que a patrulha de cavallaria pôz termo á contenda, distribuindo algumas pranchadas.

Não sabemos quantos foram os feridos e contusos mas o que é certo, é que na ambulancia do carro dos bombeiros voluntarios foram curadas cinco pessoas e uma d'ellas conduzida em maca para casa; segundo uns por ter sido atropellada pela bomba n.º 3 que chegou na occasião do conflicto, e segundo outros, por ter levado com um machado.

Ora, segundo informações que temos collhido, estas animosidades nascem da resolução quasi assente de que os bombeiros de Gaya não voltem a fazer serviço n'esta cidade e que os do Porto só alli compareçam sob certas condições que são impostas; mas, com franqueza, não nos parece que a occasião para ajuste de contas fosse das melhores, quando diante dos desordeiros, as chammas já devoravam um predio inteiro e ameaçavam destruir os que lhe ficavam proximos.

Foi, talvez, devido á demora que este lamentavel conflicto occasionou e ás altercações quasi continuas durante a faina, que o incendio tomou tão assustador aspecto.

Affigura-se-nos tão grave este facto, que se torna indispensavel aos chefes das duas corporações, o procederem a um rigoroso inquerito, afim de que os culpados não fiquem impunes, pois que da tolerancia poderá nascer maior desgraça, se as duas corporações continuarem a estar em contacto como até aqui.

Felizmente, os bombeiros voluntarios do Porto tiveram o bom senso de não intervirem na questão, nem a favor de uns nem de outros, tratando unicamente de atacar o incendio pelo lado que deveria ser atacado, aliás o prejuizo teria sido muito maior.

Confiamos plenamente na intelligencia e illustração dos dois chefes, para que de commum accordo pos-

sam combinar o melhor meio de evitarem de uma vez para sempre, scenas que nada illustram as duas corporações, porque, imparcialmente fallando, ambas foram culpadas. A do Porto, querendo atravessar as mangueiras com a bomba, o que já não é a primeira vez; e a de Villa Nava, dirigindo-lhe palavras que o codigo de civilidade, de modo algum aconselha.

Ao digno presidente da camara do Porto e vereador do pelouro dos incendios, pedimos igualmente energicas providencias.

BOMBEIROS MUNICIPAES DE LISBOA

Acompanhando o mappa que em outro logar publicamos, o illustre e dedicado inspector geral dos incendios de Lisboa dirigiu ao vereador do respectivo pelouro, o seguinte officio:

«Ill.º e ex.º sr. — Tenho a honra de passar ás mãos de v. ex.ª o incluso *mappa estatístico do serviço dos incendios* n'esta capital durante o anno de 1882. Contém este *mappa* elementos bastante curiosos e que decerto serão devidamente apreciados por v. ex.ª e pela ex.ª camara para com elles se poder fazer uma pequena idea não só do espantoso movimento dos soccorros contra incendios que houve em Lisboa no referido anno, mas tambem da efficia relativa d'estes soccorros. Sinto não possuir elementos precisos para poder completar esta estatistica apresentando em numeros exactos os enormes valores que foram ameaçados pelo fogo, e bem assim os prejuizos conhecidos que elle causou, mas com os meios de que disponho não me é possivel obter nem dos particulares nem mesmo das companhias de seguros, os algarismos indispensaveis para formular taes calculos, sendo esta a razão porque os não incluo no *mappa*; entretanto servindo-me apenas dos meus apontamentos, os quaes não julgo muito distantes da verdade, reputo os valores que estiveram ameaçados pelos incendios occorridos n'este anno em cerca de do s mil setecentos e cento e cinco contos de reis, e as perdas reaes em cento e setenta e seis contos de reis, devendo concluir-se da comparação d'estes valores um facto que muito deve orgulhar a inspecção a meu cargo e que por certo será lisongeiro para a ex.ª camara, por isso que em quasi todas as capitães da Europa e da America é incomparavelmente mais curta a distancia que medea entre os valores ameaçados pelo fogo e os valores por elle destruidos.

Além do penosissimo trabalho de extincção que, felizmente correu sempre á medida dos meus desejos, mostra-se no *mappa* que houve durante o anno 2245 corridas das machinas, o que representa mais de mil kilometros, e 26:380 corridas de homens; movimento este que é realmente assombroso, e que custará a acreditar quando se pensar no dispendio com elle feito, sabendo-se que um pessoal composto de 650 homens que lidou durante o anno n'este arriscado e penozo trabalho custou a quantia de 16:412\$000, (o que não chega a 69 réis por homem e por dia,) sendo-me facil demonstrar, com mil documentos que tenho presentes, que o menor preço que tal serviço tem nos ultimos annos custado ás capitães mais pobres da Europa regula por sete vezes e meia que o que apresento.

Da analyse comparativa do dispendio de cada um dos mezes sahirá o mais irrefutavel argumento em

favor da vantagem e da belleza da nossa originalissima organisação, vantagem que ainda conto fazer progredir com a rigorosa applicação do actual regulamento, e belleza que em pouco tempo fará com que o nosso serviço se eleve ao nivel dos melhores que hoje conhecemos.

Ao fechar as sommas d'esta *estatística*, fazendo severa critica dos algarismos n'ella contidos, e tirando todas as consequências de uma enorme serie de comparações, não posso deixar de me congratular com v. ex.^a e com a ex.^{ma} camara pelas condições em que se encontra este importante serviço de publica segurança.

Deus guarde a v. ex.^a Lisboa e inspecção geral dos incendios 10 de fevereiro de 1883. — Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. vereador do pelouro dos incendios. — O inspector geral, *Carlos J. Barreiros*.

MEMORANDA

Afastamo-nos hoje da ordem que tínhamos planeado seguir n'estes apontamentos, ácerca de varias irregularidades que temos notado no serviço de incendios, algumas das quaes já tivemos a satisfação de ver remediadas, não sabemos se por causa das nossas indicações, mas presumimos que o sejam, visto que só tiveram remedio, depois que para ellas chamamos a attenção de quem competia.

Não pense o principal motor dos nossos queixumes contra a companhia de bombeiros do Porto, que ignoramos muitos outros factos e irregularidades que se teem dado e continuam a dar-se. Se a elles ainda não temos alludido, é porque quízemos tentar com estes de somenos importancia, se se punha cobro a outros que melhor seria não se tornarem publicos; mas se preciso fôr, desde já lhe asseguramos que verão a luz da publicidade, afim de que a companhia de incendios do Porto fique expurgada de toda a macula e que todos alli tenham direito ao respeito e veneração que merece o bombeiro.

Trataremos hoje apenas do conflicto da Ribeira, ou melhor ainda da causa immediata que originou tão lamentavel occorrença — o facto de quererem atravessar a mangueira com a bomba.

Isto prova unica e simplesmente que o pessoal não está devidamente exercitado e amestrado no seu mester para adquirir a fleugma ou sangue frio preciso para as occasiões de sinistro; porque se tal não fosse, deveria saber que ao chegar ao local do incendio, o seu primeiro dever seria parar em sitio conveniente e depois de receber as ordens de quem estivesse com o commando, ir collocar a bomba onde lhe fosse ordenado, mas nunca procedendo da fórma que procedeu.

Mas dirão os nossos leitores que teem conhecimento do regulamento municipal, que existem dous instructores para o ensino do pessoal, e na verdade assim é. Ora o que os nossos leitores talvez não saibam, é que d'esses dous instructores, ha um que está mais nas condições do que o outro de preencher o logar, mas infelizmente o que sabe menos, e que nunca deveria ter sido nomeado por muitas razões, é justamente aquelle que assume a si toda a auctoridade, fazendo acreditar que tem ordens superiores para tal usurpação. Dá isto em resultado que os conductores

longe de aprenderem aquillo que deveriam saber, commettem tropelias como as que infelizmente presentiamos.

Não basta ensinarem ao conductor como deve desmontar a bomba, estender mangueiras e tocar nos varaes da bomba; é necessario que elle aprenda a conduzi-la e a collocar-a convenientemente para o ataque. Para que isto se consiga é indispensavel planear incendios em diversas condições e fazel-os combater n'essa conformidade.

Ora no caso de lhe poder dar essa indispensavel instrucção não está o individuo, que tanto julga saber, quando tanto tinha que aprender; e portanto, bom seria que fosse substituido por outro, o que não nos parece difficil, havendo, como ha, quem melhor possa preencher tal cargo.

Mas, já que fallamos de instructores, vem a propósito perguntarmos o seguinte: Havendo como ha um inspector e dous ajudantes, não seria mais justo, mais rasoavel, que estes fossem os instructores?

Se são estes os chefes que dirigem os trabalhos da extincção dos incendios, porque não deverão igualmente ser os instructores nos exercicios preparatorios para a execução d'esses trabalhos na occasião do sinistro?

Não sabemos, mas quer parecer-nos que o fim que levou o auctor do regulamento a crear aquelles logares, foi unicamente para que na occasião em que se organisou a companhia e em que era impossivel a todo o pessoal ir a Lisboa instruir-se, se escolhesse alguém que alli fosse amestrar-se para depois ensinar os camaradas. Porém, depois de ensinados, estava concluida a sua tarefa e os instructores voltariam a ser apenas os patrões das suas machinas e responsaveis pela instrucção do seu pessoal apenas, mas não se comprehendeu assim e elles continuam a exercer um logar que não tem razão de ser. O que se conclue, é que são tão intelligentes que em oito dias que estiveram em Lisboa ficaram mestres e os restantes bombeiros tão faltos de lucidez de espirito que em dous annos ou mais ainda não se habilitaram a poderem ser tambem professores e continuam ainda como discipulos.

Hão de convir que tal não é, e a prova está na fórma como os outros bombeiros executam as manobras. — Tão perfeitamente ou melhor ainda do que os proprios professores.

Parece-nos, portanto, que uma reforma no sentido de se supprimir o logar de instructor não seria desacertada.

Incendios em Lisboa

Durante o mez de fevereiro, houve em Lisboa 14 incendios, sendo 9 de noite e 5 de dia, tendo começo em fuligem de chaminé 4; em roupa 3; explosão de petroleo 2; de gaz 1; em palha 1; aparas de papel 1; e no madeiramento 1. Deram-se nos seguintes pavimentos: em lojas 8; em primeiros andares 2; em segundos 1; terceiros 1; em barracão 1; em pateo 1. Occorreram nas freguezas de Santos 3; Santo André 2; Anjos 1; S. Mamede 2; S. Miguel 1; S. Estevão 1; S. José 1; S. Vicente 1; Mercês 1; Santa Catharina 1. A toque de sinos só foram chamados os soccorros para 1.

MAPPA ESTATISTICO DO MOVIMENTO DO SERVIÇO DOS INCENDIOS NA CIDADE DE LISBOA NO ANNO DE 1882

Mezes	Incendios					Falsas saídas	Movimento — corridas de			Ferimentos		Mortes		Salvamentos		Despendido com a extincção	Observações		
	Grandes	Médios	Pequenos	De dia	De noite		Total	Machinas	Bombeiros	Conductores	No pessoal	Em particulares	No pessoal	Em particulares	Pessoas em perigo			Pelo pessoal	Por particulares
Janeiro..	1	3	9	5	8	13	3	164	658	976	2	—	—	—	1	1	—	1:101\$290	A
Fevereiro.	1	6	10	8	9	17	5	183	710	1266	—	3	—	3	—	—	—	1:117\$220	B
Março....	2	8	11	8	13	21	5	188	738	1424	1	1	—	1	2	—	2	1:305\$290	C
Abril.....	2	6	9	6	11	17	4	170	694	1322	—	1	—	1	—	—	—	1:036\$920	D
Maió....	—	6	10	5	11	16	5	139	610	1180	1	—	—	—	—	—	—	1:141\$220	E
Junho....	3	9	14	7	19	26	8	212	990	1735	2	1	—	1	2	—	2	1:298\$760	F
Julho.....	1	4	10	4	11	15	10	162	740	1355	—	1	—	1	—	—	—	1:059\$540	G
Agosto....	1	10	15	10	16	26	7	242	1015	1970	16	2	1	2	2	—	—	3:112\$760	H
Setembro.	4	9	15	9	19	28	5	280	1105	2112	6	—	—	—	7	6	1	2:415\$140	
Outubro..	3	9	12	8	16	24	6	248	1010	2018	5	1	—	1	8	8	—	1:554\$320	
Novembro	—	3	10	5	8	13	5	135	554	940	1	—	—	—	—	—	—	698\$600	
Dezembro	—	4	12	6	10	16	4	122	482	786	1	—	—	—	—	—	—	571\$040	
	18	77	137	81	151	232	67	2245	9306	17074	35	10	1	10	22	15	5	16:412\$100	

A Os ferimentos foram duas queimaduras de pequena importancia.

B Queimaduras no rosto e mãos.

C Duas crianças salvas pela propria mãe.

D Um ferimento de pouca gravidade.

E Duas crianças salvas pelo soldado n.º 30 da 5.ª companhia da guarda municipal.

F O Conde de Farrobo morto em resultado de queimaduras.

G Uma morte, e 16 ferimentos de mediana importancia.

H Morreu um homem que depois de ter sido salvo pelos bombeiros lhes escapou das mãos para se metter no incendio.

Lisboa e inspecção geral dos incendios 10 de fevereiro de 1883.—O inspector geral, *Carlos J. Barreiros*.

OS INCENDIOS NO ATERRO

Sobre este objecto discreta com a sua habitual sensateza o nosso collega *O Diario de Noticias*:

«Outra vez um incendio intenso se ateiou nas estancias de madeira da rua de 24 de Julho, devorando o valor de algumas dezenas de contos de réis. Os esforços heroicos dos corajosos bombeiros conseguiram ataca-lo no seu ponto de convergencia com as incompletas divisões dos estabelecimentos circundantes; a fraqueza e direcção do vento favoreceram, e o sinistro era dominado ao fim de 5 horas de lucta tenaz, arrojada e intelligente. Todavia durante essas cinco horas formaram-se, como sempre, perspectivas pavorosas, de catastrophes mais ou menos possiveis, que não diremos já provaveis. O governo e as auctoridades, a camara, e grande numero de cidadãos que assistiram dirão se não estiveram em risco proximo de serem destruidos pelo incendio, caso o vento o ateasse, ou os soccorros por qualquer accidente imprevisito escasseiassem ou se tornassem inefficazes,—o instituto industrial, e os edificios que lá ficam contiguos na rua da Boa Vista, as estancias e officinas proximas, e se, creando-se alli um foco immenso, não podia communicar-se o fogo, soprando o vento n'essa direcção á grande massa de casas do lado norte da rua, e d'ahi propagar-se nas casarias da encosta, e ir até... muito longe! São tradicionaes os grandes fogos nas estancias e carvoarias da Boa Vista,

e a sua lição funesta deve servir para emfim e de vez, se adoptarem providencias energicas que ponham esses depositos de materias tão facilmente combustiveis em seguro estado de isolamento uns de outros, isolando igual e absolutamente os grandes edificios circundantes. Sem fallar no immenso incendio de 1826, que devorou as estancias e a cordoaria, muitas casas particulares, e durou 15 dias, nem nos recentes fogos que ameaçavam consumir os predios visinhos, basta recordar o de 1858, que destruiu a celebre estancia de madeira de Thomaz Gomes, e devorou toda a typographia Castro e diversos predios, por ter faltado a agua, e o vento ser velocissimo.

Que as estancias sejam, emfim, divididas entre si e dos predios contiguos, por grossas paredes, guarda-fogos, separadas por pequenas ruas longitudinaes e inteiramente postas a coberto das falhas das chaminés visinhas por tectos de folha metallica, com abas da mesma materia, que guarneçam até á altura das paredes os depositos que abrigarem. Não são obras de grande custo relativo, nem difficil realisação, e esses estabelecimentos para não serem perigosos devem subscrever a estas ou outras similhantes garantias que a administração não póde deixar de lhes impôr em nome da segurança publica.»

Relatorio da Direcção da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto no exercicio de 1881-1882.

(Continuado do n.º 23).

Apresentamos sob o n.º 7 o balanço geral do «Activo e Passivo» desde 1 de julho a 30 de setembro d'este anno com um subido saldo de receita, a avultar o fundo da Associação, de 1:927\$205 réis, que junto ao existente em 30 de junho do anno corrente, prefaz a importante quantia de 8:479\$850 rs.

Em seguida vereis o mappa n.º 8, conta de «Receita e Despeza», em que esta somma 481\$835 réis, que junta a 21\$500 réis valor de recibos archivados por incobráveis prefaz 503\$335 réis e a receita attingiu a 2:430\$540 réis.

O movimento de «Caixa» observareis pelo respectivo mappa n.º 9, que apresenta um saldo existente em 30 de setembro de 2:242\$110 réis.

O mappa n.º 10 indica um saldo na conta de «Contribuições de socios», isto é, de recibos de mensalidades em poder dos respectivos cobradores na totalidade de 401\$500 réis; o de n.º 11 desenvolve a conta de «Material de incendios» mostrando um saldo de material em ser no valor de 3:490\$115 réis.

Pelo valor dos algarismos representados n'esses balancetes, ajuisareis do estado financeiro da Associação que sem duvida se pôde considerar lisongeiro, o que exemplifica, até certo ponto, a boa vontade que a nossa communitade de esforços produziu.

SENHORES:

Ao findarmos a narração dos acontecimentos ocorridos durante o praso da nossa administração e ao depositarmos o mandato nas mãos dos novos delegados, fazemos votos para que se inaugure pela reconhecida necessidade e talvez facil realisação, a criação de uma liga fraternal de bombeiros do paiz para, agremiados, promoverem recompensas por actos de valor commettidos nos incendios, protegerem aquelles cuja sorte seja adversa, concederem soccorros medicos e pecuniarios em caso de doença ou impossibilidade de trabalho, estabelecerem pensões ás viúvas e orphãos que ficarem desprotegidos e inaugurarão uma escola para instrução dos filhos dos bombeiros pobres. E' tão sympathico o resultado d'esta liga que decerto não faltará o espontaneo concurso de todos.

Permittam-nos que accentuemos aqui bem claramente os valiosos serviços dos socios activos que têm sempre concorrido para levantar o conceito da Associação, quer pelos seus actos de dedicação, quer mantendo a melhor harmonia com os bombeiros municipaes do Porto e Villa Nova de Gaya — seus irmãos no trabalho humanitario.

E' de tão brilhante merito e digna de tão publico reconhecimento a generosa cooperação da ex.^{ma} sr.^a D. Corinna Adelaide da Cruz Fernandes nos nossos espectaculos dramaticos, onde tem affirmado deslumbrantemente os seus dotes scenicos, que ousamos propor se inicie pelo seu nome a inscripção na classe de socios benemeritos.

Pelos altissimos serviços prestados pelos ex.^{mos} srs. José Martins de Queiroz e Manoel Gomes da Silva Mattos, dispensando o seu concurso artistico nos nossos espectaculos sempre que o sollicitamos, propo-

mos que sejam inscriptos na classe de socios benemeritos.

Os offerecimentos de soccorros medicos feitos generosamente pelo ex.^{mo} sr. dr. Antonio Victorino da Motta, são de tão subido quilate, que propomos lhe seja tambem concedida a honra de socio benemerito.

Cremos de justiça auctorisar-vos na conformidade dos annos preteritos, que os nomes dos amadores que tomaram parte nos ultimos espectaculos do theatro Gil Vicente e circo Olympico do Palacio de Crystal assim como os de todas as pessoas que cotisaram o seu concurso, sejam collocados n'um quadro de honra em letras de oiro, na sala das sessões, provando-se assim a nossa gratidão.

Os documentos relativos ao movimento havido e referentes ás contas que apresentamos, existem n'esta secretaria onde os podereis compulsar informando-vos da legalidade das transacções realisadas.

Se os nossos actos merecerem o vosso beneplacito, ainda que generoso mas sempre justo, dar-nos-hemos por retribuidos da honrosa commissão que immerecidamente nos confiastes.

Porto e secretaria da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto», 30 de setembro de 1882.

O 1.º SECRETARIO DA DIRECÇÃO,

Luiz da Terra Pereira Vianna.

GRANDE INCENDIO EM LISBOA

Como a maioria dos nossos leitores decerto já teem conhecimento, na noite de domingo 11 do corrente, manifestou-se um grande incendio n'umas estancias de madeira, ao Aterro.

Com a devida venia transcrevemos do nosso excellent collegá da capital *O Diario de Noticias*, a minuciosa descripção do sinistro que durante algumas horas apavorou Lisboa.

«Foi na estancia de madeiras pertencente á sr.^a viúva Lima e Filhos, estabelecimento que occupa uma vasta area de 180 metros por 12, que se estende do norte para o sul, da rua da Boa Vista d'onde tem entrada para o Aterro, rua de 24 de Julho, tendo para ali tambem uma porta. Está no meio de outros estabelecimentos de igual genero, ficando-lhe pegada do lado do nascente a estancia do sr. Isidro Soares da Silva Pereira, e ao poente o edificio do instituto, officinas da companhia das aguas e a estancia de madeiras do sr. Neves Cabral.

O fogo, segundo dizem uns serradores que ficavam recolhidos no sótão de um barracão ao centro do estabelecimento junto á empena onde se encostam as chaminés das officinas da companhia das aguas, teve começo no madeiramento do mesmo barracão. Conta um d'esses homens, Joaquim André, que acordando, pouco depois da meia noite, viu já as labaredas, que se elevavam assustadoras, no madeiramento do mesmo telheiro que tem 60 metros. Acordou logo o companheiro e um moço e um rapaz sobrinho d'este, que tambem ficavam n'uma outra parte do sótão, e em seguida correu á porta da rua da Boa Vista a pedir soccorro. Acudiu immediatamente o policia n.º 43 da 3.^a divisão, que andava de serviço, e os dois correram a salvar os papeis, camas, etc., que estavam no

sotão, enquanto o guarda nocturno n.º 7, que igualmente appareceu, foi chamar a bomba 17 e a da companhia do gaz.

Após estas machinas chegaram logo outras, e o competente pessoal, assim como começou a affluir ao local grande numero de pessoas curiosas d'estes espectaculos tão aterradores.

O fogo tomou rapidas proporções e em menos de meia hora o telheiro é grande porção de taboas de casquinha que ali estavam empilhadas, na altura de uns 14 metros, tornaram-se uma enorme fogueira que illuminava o espaço e os pontos mais altos da cidade, e que chamava a attenção de milhares de familias que habitam nas casas que têm janella para aquelle lado.

As labaredas, galgando a parede que separava a estancia do sr. Izidro, foram communicar-se tambem ás pilhas de madeira do seu estabelecimento, onde igualmente lavrou o fogo com pasmosa intensidade, n'uma area de mais de 70 metros por 20.

Os bombeiros n.ºs 139, 96, 118 e 134, que foram os primeiros que compareceram, começaram o ataque, sobre a direcção do 1.º patrão n.º 12, Joaquim José Barboza, no sitio onde o fogo tivera origem, pela entrada da rua da Boa Vista, evitando assim que elle se propagasse não só a outras pilhas como aos predios que defrontam com a mesma rua.

A este tempo as torres faziam o toque de 32 badaladas, dando logo o signal de rebate, e a estação telegraphica dos incendios mandava avançar todo o material, que foi chegando, e com os bombeiros voluntarios de Lisboa, Ajuda, Junqueira, Campolide, Oliveaes e um grosso piquete de marinagem dos navios de guerra *Vasco da Gama*, *Africa*, *Estephania*, *Rainha de Portugal* e *D. Fernando*, commandado pelos srs. officiaes Adrião, Nandim de Carvalho e guarda marinha Gallis, emprehenderam a penosa tarefa do ataque pela fórma seguinte: pela rua da Boa Vista, na estancia dos srs. Vieitas, as bombas municipaes n.ºs 6, 10, 13, 15 e 16; na do sr. Izidro, a bomba da companhia do gaz, a n.º 1 dos voluntarios de Lisboa e as municipaes n.ºs 3, 7 e 8; e pelo lado da rua Vinte e Quatro de Julho, as dos voluntarios de Campolide, Belem, Junqueira e bomba a vapor do Arsenal da Marinha; na estancia dos srs. viuva Lima & Filhos, do lado da Boa Vista, bombas municipaes n.ºs 4, 17, 17-A supporte e 12; pelo lado da rua do Instituto era atacado pela dos voluntarios da Ajuda, municipal de Belem n.º 3 com o seu pessoal dirigido pelo sr. ajudante Josué e a bomba a vapor n.º 18.

Dentro dos pateos das officinas da companhia das aguas trabalharam as bombas dos voluntarios dos Oliveaes, e de Lisboa n.º 2, e as municipaes n.ºs 1, 2, 5, 9, 11, 19 e a do couraçado *Vasco da Gama*. A agua que em jorros corria das agulhetas de todas estas machinas, a collocação d'estas, e o denodo é coragem com que todo o pessoal trabalhou, conseguiram localisar o incendio n'uma area de mais de 2:000 metros quadrados; de maneira que ás 6 horas da manhã podia considerar-se completamente dominado.

A parte mais importante da estancia do sr. Izidro foi defendida energeticamente pelos benemeritos bombeiros voluntarios de Lisboa com a sua machina n.º 1, tendo a seu lado os bombeiros municipaes 130, 138 e 188 com a bomba n.º 13 e os n.ºs 53, 98 e 131 com a bomba n.º 6 e a bomba da companhia do gaz, que affrontando o enorme calor produzido por aquella imensa fogueira prestaram importante serviço evitando que se inutilisassem tão avultados valores.

O sr. Santos Viegas superintendente da limpeza logo que teve conhecimento do fogo, fez sair todo o pessoal que alli estava empregado nas carroças da condução de agua.

Às 7 horas da manhã começaram a retirar algumas machinas, continuando durante o dia o ataque para a completa extincção.

As madeiras destruidas pelo fogo foram, na estancia do sr. Izidro, cerca de 20:000 taboas de casquinha, 2:000 de pinho real, uma porção de vigas de casquinha e *pitch-pine*, varas de castanho, barrotes, costaneiras, taboado da terra, que, abstraindo o valor dos telheiros, se póde calcular n'uma quantia não inferior a 35 contos. Está segura nas companhias *Fenix*, *Bonança*, *Indemnizadora*, *Probidade*, *Garantia*, *Segurança do Porto*, *Providente* e *Fidelidade* no valor de 70 contos.

No estabelecimento da sr.ª viuva Lima foram consumidas pelo fogo umas 18:000 taboas de casquinha, cujo valor attinge uma cifra superior a 18 contos.

Estava seguro nas companhias *Fenix* e *Bonança* em 25 contos.

Soffreram tambem alguns pequenos prejuizos a estancia do sr. Vieitas, as officinas da companhia das aguas, e as mobilias de alguns moradores dos predios que ficam juntos aos estabelecimentos incendiados.

As primeiras auctoridades que chegaram ao local do sinistro, foram os srs. commissario geral, Moraes Sarmiento e commissario da terceira divisão Ferreira das Neves e o da 2.ª, o sr. D. Antonio de Noronha; depois foram successivamente comparecendo os srs. presidente do conselho de ministros, ministro do reino e ministro das obras publicas, presidente da camara municipal, commandante das guardas municipaes, etc.

Os srs. ministros conservaram-se alli até depois das tres horas da manhã, indo o sr. commissario da 3.ª divisão arranjar-lhes logar commodo em uma das janellas do antigo edificio dos srs. Ferreiras Pintos. O sr. Ferreira das Neves conservou-se no aterro até ás 7 horas da manhã.

O sr. ministro do reino mandou distribuir generosa pelo pessoal trabalhador, que todo se portou com verdadeiro heroismo n'esse combate sobre-humano, distinguindo-se os que acima mencionamos e outros de que não podemos referir os numeros.

Os trabalhos foram dirigidos com muito acerto, pelo sr. inspector, coadjuvado pelo sr. ajudante Conceição, cuja longa experiencia n'estes trabalhos o torna ainda o mais valente e pratico da corporação. Ao lado d'estes figurou tambem o segundo ajudante, sr. Lapa.

Todos os empregados de seguros e o sr. Thomiaz José Rodrigues, avaliador das differente companhias, trabalharam no salvamento das madeiras e valores. Compareceram tambem alguns directores das diversas companhias de seguros.

*

FERIMENTOS

F'caram feridos nos trabalhos do incendio: Augusto Francisco de Salles e Rodrigo José de Azevedo, com varias contusões no corpo; bombeiro municipal, 2.º patrão n.º 58, contusão na face direita; o conductor n.º 2 dos voluntarios da Junqueira, distensão no pulso; o conductor n.º 425 do carro 27, escoriação no pé esquerdo; o conductor da bomba 17, ferimento no dedo indicador, e da bomba 1, ferimento na polpa digitali; o conductor n.º 30, da bomba dos voluntarios de Lisboa, ferimento no pulso direito; e o conductor

da bomba 11, resfriamento. Um individuo que no começo do incendio trabalhava no salvamento de varios objectos, caiu resultando-lhe uma contusão na região abdominal esquerda, do que recebeu os soccorros medicos em casa do sr. dr. Fonseca, medico do corpo de bombeiros, que se conservou sempre no local do sinistro com outros socios da ambulancia que fizeram todos estes curativos com o sr. dr. Salgueiro de Almeida.»

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE PENAFIEL

Damos em seguida a nota da receita e despeza d'esta associação desde a sua installação até 28 do passado fevereiro.

RECEITA

Producto da subscrição.....	765\$990
Subsidio da camara municipal.....	200\$000
Idem da «Companhia Garantia».....	90\$000
Idem da «Companhia Tranquilidade»..	50\$000
Recebido da camara para concerto da bomba velha.....	45\$000
Producto d'um beneficio pelos srs. Fonseca e Fô.....	36\$975
Idem da exposição e bazar.....	324\$555
Subsidio da camara municipal (1882)..	50\$000
Recebido do sr. Victorino da Costa Guimarães.....	3\$480
Producto d'uma recita pela companhia dramatica de beneficencia, para ser applicado a dous fardamentos.....	48\$270
Recebido da companhia de bombeiros por conta.....	70\$880
	<hr/>
	1:685\$150

DESPEZA

Despezas com a installação, feitas pela commissão e pela direcção de 1881..	132\$055
Concerto da bomba n.º 2 e 50 metros de mangueira.....	54\$025
Conta da Aurificia (50 chapas e fitas)..	26\$900
Conta do thesoureiro (de 1881).....	10\$660
12 baldes, 2 malas e tirantes para a bomba n.º 1.....	17\$160
Carro de material.....	300\$000
Conta de impressos da Imp. União....	26\$355
Idem do «Penafidense».....	20\$335
Bomba n.º 1 e todos os pertences.....	695\$595
Conta de capacetes e charlateiras.....	184\$170
2 capacetes para os quartelleiros.....	4\$500
25 metros de espiguiha.....	22\$250
25 bonets.....	25\$000
24 cordões.....	9\$600
Diversas despezas de inauguração....	11\$000
Concerto da bomba n.º 2.....	4\$290
Conta de Abilio Julio Barboza.....	4\$670
Aguilhetas.....	10\$500
Cordão.....	160
Annuncios.....	1\$515
Franqueletes (12).....	2\$100
Despezas miudas, espanador paninho, ganho, machado.....	3\$385
	<hr/>
	88888888

Transporte.

Correntes e concerto na machina n.º 2.	3\$090
10 duzias de archotes.....	4\$760
2 carros para o incendio de Barrimau..	6\$000
Quartelleiro pago até 28 de Fevereiro de 1883.....	42\$000
2 paus para a maca.....	1\$500
Juros d'uma letra á caixa de credito..	15\$000
Conta de Victorino Barboza da Costa Guimarães.....	4\$275
Concerto da escada á crochet.....	1\$000
Despezas com a exposição e bazar....	207\$545
Despezas com dous fardamentos.....	51\$486
Obras na casa da associação (carpinteiros).....	39\$350
Annuncios.....	1\$470
	<hr/>
	1:943\$644
	1:685\$150

258\$491
38\$550
100\$150
138\$400
120\$091

Dividas a cobrar de diversos subscriptores.....

Em consequencia de ter saído para Lisboa o sr. Francisco da Fonseca Regalla, commandante dos bombeiros voluntarios de Azeiro, foi encarregado provisoriamente do commando o sr. Francisco Pinho Guedes Pinto.

O sr. Regalla deixa vivas saudades nos seus camaradas que todos lhe tributavam sincera estima. Os serviços que prestou á corporação que organisou não são de molde a facilmente se esquecerem.

PASSAMENTO

A' hora a que entra no prélo o nosso periodico, soubemos do trespasse de João Ferreira Dias Guimarães Junior, um bombeiro benemerito e distincto, fundador da Real Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Porto.

Succumbiu aos estragos de uma cruel doença que ha tempos lhe torturava a existencia.

Paz ao seu espirito e os nossos sentidos pezames aos seus e á illustre corporação que tanto nobilitava.

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

A CHRONICA

REVISTA LITTERARIA, NOTICIOSA E THEATRAL

(APPENSO AO BOMBEIRO PORTUGUEZ

Preço da assignatura (adiantado)

(Reino)

Trimestre.....	500 réis
Semestre.....	1\$000 »
Anno.....	2\$000 »

(Estrangeiro)

Trimestre.....	600 réis
Semestre.....	1\$200 »
Anno.....	2\$400 »
Numero avulso.....	100 »

Redacção e administração, rua do Mirante n.º 9.—Porto.

FABRICA DE BOMBAS PARA INCENDIOS

MOVIDAS A BRAÇO E A VAPOR

DE

JOS. BEDUWÉ

LIÈGE (BELGICA)

CASA FUNDADA EM 1829

Fornecedor de diferentes edificios do estado da Belgica,
França e Hollanda.

PRODUCCÃO ANNUAL 600 BOMBAS

UNICOS REPRESENTANTES EM PORTUGAL

B. MARKERT & C.^a—LISBOA



G. A. JAUCK

LEIPZIG

FABRICANTE DE BOMBAS E APPARELHOS CONTRA INCENDIOS

Unico agente em Portugal, Guilherme Gomes Fernandes & C.^a, rua do Sá da Bandeira n.º 6—Porto.